



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ALESSANDRA ALVES NASCIMENTO

A ESTAMPA DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO NAS TELAS

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO
2023

Alessandra Alves Nascimento

A estampa do sujeito contemporâneo nas telas

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao *Campus* Universitário de Miracema/UFT, como um dos pré-requisitos para aprovação na disciplina de TCC sob a orientação da Professora Dra. Rosemeri Birck.

Miracema do Tocantins, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

N244e Nascimento, Alessandra Alves.
A estampa do sujeito contemporâneo nas telas. / Alessandra
Alves Nascimento. – Miracema, TO, 2023.
31 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2023.
Orientadora : Rosemeri Birck

1. Modernismo. 2. Pinturas em telas. 3. Representação. 4. Arte
moderna e contemporânea. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha
catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ALESSANDRA ALVES NASCIMENTO

A ESTAMPA DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO NAS TELAS

Monografia avaliada e apresentada ao *Campus* Universitário de Miracema/UFT, curso de Pedagogia, para obtenção do título de licenciada em Pedagogia e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 12/07/2023

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Rosemeri Birck – Orientadora – UFT.

Prof^a. Dr^a Kethlen Leite Moura-Berto – Examinadora - UFT.

Prof^a. Dr^a Layanna Giordana Bernardo Lima - Examinadora UFT.

AGRADECIMENTOS

Foram muitos que me ajudaram à conclusão deste trabalho.

Meus sinceros agradecimentos...

Agradeço, primeiramente, a Deus pela oportunidade de finalização do curso de Pedagogia.

À minha família por sempre me dar o apoio necessário para continua.

Tenho, também, gratidão ao meu amigo que sempre esteve comigo me dando conselhos.

Ao meu amigo e companheiro de curso, pela amizade, companheirismo durante o curso; e, ao meu namorado/marido, pela confiança depositada em mim.

Agradeço, também, a professora Dra. Rosemeri Birck, por aceitar a orientação deste trabalho e orientar-me com sabedoria.

Obrigada a banca por ter aceitado este desafio de avaliar meu trabalho, é de grande valia as contribuições/orientações a monografia, professoras Kethlen e Layanna.

[...] quanto mais o trabalhador se esgota a si mesmo, tanto mais poderoso se torna o mundo dos objetos que ele cria perante si, tanto mais pobre ele fica em sua vida interior, tanto menos pertence a si próprio...

(KARL MARX)

RESUMO

Esta monografia aborda as pinturas em tela de pintores brasileiros do movimento modernista e a representação dos sujeitos nas telas. O objetivo geral está em compreender a representação dos sujeitos estampados nas telas dos pintores do movimento modernista. Para o desenvolvimento do estudo, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica. Para isso, foi realizada uma seleção de obras de estudiosos do tema, tais como Sônia Mari Shima Barroco (2007,2014), Fred Coelho (2021) e Eduardo Jardim (2022). A partir das leituras dessas obras, foram obtidos os conteúdos necessários para a elaboração desta pesquisa. O problema que norteia da pesquisa está em identificar quem são os sujeitos das telas do movimento modernista e o que eles representam? Ao estudar as pinturas em tela dos pintores brasileiros do Modernismo é possível perceber a representação do sujeito como um tema recorrente, que se manifesta de diferentes formas nas obras de arte. Em muitos casos, os sujeitos retratados são figuras da classe trabalhadora, que têm sua dignidade reconhecida e são humanizados pelos artistas. No entanto, em outras obras, os sujeitos são retratados de forma desumanizada, como objetos ou símbolos de opressão. Percebe-se que, ao representar esses sujeitos, os artistas estavam explorando não apenas o potencial estético da pintura em tela, mas também a capacidade da arte de comunicar ideias e valores culturais. Desta forma, as pinturas em tela dos modernistas brasileiros são valiosas não apenas para a renovação das artes no país, mas também para a construção de uma identidade cultural mais autêntica e diversa.

Palavras-chave: Modernismo. Pinturas em telas. Representação.

ABSTRACT

This article addresses the paintings on canvas of Brazilian painters of the modernist movement, in the representation of the subject on the canvases. The importance of knowing the artist, the historical context and the intentionality behind the representation in the work of art is highlighted. The choice of painting on canvas can be an effective way to provoke debates and reflections on this system and promote positive changes in society. The aim of this study is to understand who are the subjects presented in the canvases of the painters of the modernist movement and what they represent. By studying the paintings on canvas of the Brazilian painters of Modernism, it is possible to perceive the representation of the subject as a recurring theme, which manifests itself in different ways in the works of art. In many cases, the subjects portrayed are figures of the working class, who have their dignity recognized and are humanized by the artists. However, in other works, subjects are portrayed dehumanized, as objects or symbols of oppression. It can be seen that by representing these subjects, the artists of the modernist movement were exploring not only the aesthetic potential of painting on canvas, but also the ability of art to communicate ideas and cultural values. In this way, the paintings on canvas of the Brazilian modernists were important not only for the renewal of the arts in the country, but also for the construction of a more authentic and diverse cultural identity.

Keywords: Modernism, Paintings on canvas, Representation.

SUMARIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	O MODERNISMO NO BRASIL E ALGUNS DE SEUS ARTISTAS: ANITA, TARSILA E PORTINARI	11
2.1	Os diferentes estilos de arte e as produções artísticas	17
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

O presente texto monográfico tem como tema as pinturas em tela de pintores brasileiros do movimento modernista e o objeto de pesquisa versa sobre a representação do sujeito reproduzido nas telas. Julgamos ser importante numa obra de arte, conhecer o artista, o tempo histórico em que produziu sua arte e, em especial, sua intencionalidade com o que nela está representado.

No contexto da importância da pesquisa sobre as pinturas em tela de pintores brasileiros do movimento modernista para a educação é fundamental. Essas pinturas representam uma parte significativa da história da arte e da cultura brasileiras, permitindo que os estudantes/acadêmicos tenham contato com a diversidade de expressões estéticas e artísticas do país. Além disso, o estudo dessas obras pode auxiliar no desenvolvimento da sensibilidade estética dos alunos, despertando o interesse pela arte e pela importância da preservação do patrimônio cultural.

A pesquisa sobre as pinturas em tela de pintores brasileiros no movimento modernista possibilita o estudo e análise dos caminhos da arte no Brasil, bem como a compreensão das influências e características do movimento modernista. Isso favorece a formação de uma consciência crítica e reflexiva acerca da produção artística, além de ampliar o repertório cultural dos discentes.

Assim, a pesquisa sobre as pinturas em telas de pintores brasileiros no movimento modernista apresenta diferentes justificativas pessoais, acadêmicas, educacionais, sociais e culturais, reforçando sua importância para o curso de Pedagogia e para a educação de modo geral.

A arte sempre teve um papel importante na representação do mundo e na comunicação de ideias e valores culturais. Os artistas usam seus trabalhos para expressar uma ampla gama de emoções desde o amor e a beleza, até a dor e a alienação. A escolha da pintura em tela pode ser uma forma eficaz de provocar debates e reflexões sobre questões filosóficas e culturais.

Através da arte podemos explorar complexas questões de justiça, igualdade, gênero, raça e sexualidade, bem como as relações entre o indivíduo e a sociedade. Podendo assim, ser uma maneira significativa de iniciar conversas importantes que promovam mudanças positivas em nossa sociedade. A partir destas questões, elaboramos o seguinte problema: quem são os sujeitos das telas do movimento modernista e o que eles representam?

O tema que norteia o estudo tem por objetivo geral compreender a representação dos sujeitos estampados nas telas dos pintores do movimento modernista. Os objetivos específicos são: a) conhecer o movimento modernista brasileiro e sua importância para formação cultural do país; b) apresentar alguns dos principais artistas brasileiros que integram o modernismo e suas principais pinturas em tela, e c) analisar os sujeitos representados nas pinturas em telas e o processo de humanização ou desumanização que delas se pode depreender.

Para o desenvolvimento do estudo, como metodologia, fez-se uso da pesquisa bibliográfica e para tanto, realizou-se uma seleção de obras de autores do tema como: Sonia Mari Shima Barroco (2007, 2014), Fred Coelho (2021), Eduardo Jardim (2022), para então se apropriar dos conteúdos por meio dos fichamentos para a elaboração desta monografia.

O Modernismo no Brasil, iniciado em 1922 com a Semana de Arte Moderna, foi um movimento cultural que teve grande impacto nas artes plásticas, na literatura, na música, no teatro e na arquitetura do país. A Semana de Arte Moderna foi um evento que ocorreu em São Paulo, no Teatro Municipal, e teve como objetivo apresentar ao público brasileiro as novas tendências artísticas que estavam surgindo na Europa e nos Estados Unidos. Foi um marco na história da cultura brasileira, pois rompeu com os padrões estéticos e literários tradicionais, introduzindo novas formas de expressão.

O Modernismo no Brasil foi marcado pela busca por uma identidade nacional, pela ruptura com a tradição e pela valorização do cotidiano, da cultura popular e do regionalismo. Os artistas modernistas buscavam uma renovação estética, utilizando-se de técnicas e linguagens inovadoras, como o uso da cor, da geometria e da abstração nas artes plásticas, o uso de formas e ritmos diferentes na literatura e a incorporação de influências da música popular brasileira na música erudita. Na literatura, destacam-se escritores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, que exploraram temas brasileiros, valorizando a diversidade cultural do país. Nas artes plásticas, destacam-se artistas como Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti e Victor Brecheret, que romperam com as tradições acadêmicas e buscaram uma linguagem mais livre e experimental.

O Modernismo no Brasil também influenciou a arquitetura, trazendo novas concepções de espaço, funcionalidade e estética. Destaca-se a figura de Lúcio Costa, que projetou o conjunto arquitetônico de Brasília, considerado um ícone do

modernismo. A importância do Modernismo no Brasil foi enorme, pois, marcou uma renovação nas artes e na cultura do país, além de contribuir para a construção de uma identidade cultural nacional mais autêntica e diversa. Com o surgimento de escritores e artistas como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, o modernismo brasileiro consolidou-se como um dos principais movimentos culturais do século XX, influenciando e inspirando gerações futuras de artistas e intelectuais.

Faz-se a apresentação de artistas do movimento modernista brasileiro, considerados importantes para a compreensão da arte na primeira metade do século XX, que são: Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Cândido Portinari. Damos destaque aos estilos de arte que influenciaram seus trabalhos artísticos descrevendo quem foram os artistas e qual a importância de suas obras, interligando o passado com a contemporaneidade.

Neste estudo, portanto, realiza-se uma análise do sujeito humanos e desumanizados, que refletem questões sociais, políticas e culturais da época que está representado nas telas no movimento modernista, descrito da melhor forma possível, mostrando que em relação a renovação das Artes, isso significa que o modernismo não pretendia simplesmente rejeitar ou abolir valores estéticos ou modelos artísticos, mas, pretendia trazê-los para o que viam como uma nova realidade, a renovação da liberdade criativa.

2 O MODERNISMO NO BRASIL E ALGUNS DE SEUS ARTISTAS: ANITA, TARSILA E PORTINARI

Ao se debruçar para estudar e pesquisar as pinturas em tela de importantes pintores do modernismo brasileiro como: Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Cândido Portinari, é possível perceber que esses artistas buscaram representar em suas obras uma ruptura com as tradições acadêmicas europeias e uma valorização da cultura brasileira e de suas raízes.

Anita Malfatti foi uma pintora brasileira, nascida em 1889 e falecida em 1964. Ela foi uma das precursoras do modernismo no Brasil, tendo realizado diversas exposições e causado polêmica com suas obras, especialmente a mostra realizada em 1917 no Rio de Janeiro. Malfatti era conhecida por usar técnicas e estilos diferentes dos tradicionalmente aceitos na época, e suas pinturas eram consideradas ousadas e inovadoras para a época. Seu trabalho foi fundamental para a modernização da arte brasileira, e ela é considerada uma das principais influências para artistas como Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade.

Malfatti é reconhecida como uma das primeiras artistas brasileiras a romper com os padrões acadêmicos e tradicionais, abrindo caminho para a experimentação e a liberdade criativa na arte do país. E sua obra *A Boba* (1915) é considerada um marco dessa fase. Nessa pintura, podemos observar um estilo expressionista, com cores fortes e traços angulosos, que representa a figura de uma mulher marginalizada e excluída socialmente.

Já Tarsila do Amaral, nascida em 1886, em Capivari, interior de São Paulo, estudou na Europa, onde entrou em contato com as vanguardas artísticas da época, como o cubismo e o surrealismo. Ao retornar ao Brasil, Tarsila revolucionou a pintura brasileira ao introduzir elementos da cultura nacional em suas obras. Seus quadros são marcados por cores vibrantes, formas geométricas e uma perspectiva única da realidade brasileira. Uma de suas pinturas mais famosa foi *Operários* (1933), onde retrata um grupo de trabalhadores em meio à cidade industrializada. Ao representar a vida cotidiana dos trabalhadores, Tarsila buscou dar voz às classes marginalizadas, valorizando, assim, a cultura popular brasileira em suas obras.

Tarsila foi uma figura central no movimento modernista brasileiro, participando da Semana de Arte Moderna de 1922 e sendo influente na formação do grupo Antropofágico, que defendia a "devoração" das influências estrangeiras pela arte

brasileira. Além de pintora, Tarsila também foi escritora e ensaísta, contribuindo para a divulgação do modernismo em território brasileiro. Sua obra é considerada um marco na história da arte brasileira e suas pinturas são preservadas em importantes acervos nacionais e internacionais.

Cândido Portinari foi um dos pintores mais famosos do Brasil. Ele nasceu em 29 de dezembro de 1903, na cidade de Brodowski, estado de São Paulo, e faleceu em 6 de fevereiro de 1962, na cidade do Rio de Janeiro. Portinari foi um artista talentoso e prolífico, conhecido principalmente por suas pinturas de temas sociais e políticos. Suas obras retratavam a vida dos trabalhadores rurais, os problemas enfrentados pela população na época, além de temas como a guerra e a religião. Entre suas pinturas mais famosas está o *Café* (1935), onde, retrata a dura realidade dos trabalhadores rurais das lavouras de café em sua terra natal. Em um estilo realista, o artista retratou a exploração do trabalho e a pobreza daqueles que sustentavam a economia brasileira no início do século XX. Suas obras são marcadas por cores vibrantes e um estilo único, que mistura influências do modernismo brasileiro e da arte europeia. Além de ser reconhecido pelo seu talento artístico, Portinari também foi um defensor das causas sociais e trabalhou para levar arte e educação às comunidades mais carentes. Ele foi um dos primeiros artistas a receber reconhecimento internacional e suas obras estão expostas em museus de todo o mundo.

Em todas essas obras, é possível perceber a valorização da cultura e das raízes brasileiras, além de uma abordagem social e política em suas temáticas, características do modernismo brasileiro.

A Semana de Arte Moderna no Brasil foi um evento histórico que ocorreu de 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. Foi um marco para a cultura brasileira, pois introduziu o modernismo no país. Durante a semana, foram realizadas diversas apresentações e exposições artísticas que desafiaram as convenções estabelecidas até então. Os artistas envolvidos no evento buscavam romper com os padrões estéticos tradicionais e buscar uma identidade artística brasileira. Entre as principais manifestações presentes na Semana de Arte Moderna estavam a poesia, a literatura, a música, a pintura e a escultura. Dentre os participantes mais famosos destacam-se nomes como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Heitor Villa-Lobos, entre outros.

A Semana de Arte Moderna no Brasil foi importante para a valorização das expressões culturais brasileiras, rompendo com o apego às influências estrangeiras e defendendo uma arte mais livre e autêntica. Ou seja, ela foi fundamental para a consolidação do modernismo no Brasil e para a afirmação de uma identidade cultural brasileira. A Semana representou uma ruptura com a estética acadêmica e com os padrões estéticos europeus que dominavam a cultura brasileira até então.

Neste sentido, vamos compreender o seu contexto histórico. “O modernismo literário e artístico dos anos 1920 é manifestação de um movimento amplo [...] que atravessou várias décadas do século XX, tendo por propósito modernizar a vida brasileira” (JARDIM, 2022, p.14). Desta forma, “o modernismo em sentido amplo se expressou na literatura, nas artes, na vida intelectual em geral, na política e na sociedade de diferentes formas” (JARDIM, 2022, p.14). Em linhas gerais, o modernismo buscava uma renovação nas artes, que naquele momento, deveriam retratar e se relacionar com as sociedades urbanas industriais que se consolidavam na Europa.

Por conseguinte, a Semana de Arte Moderna incluiu a exposição de mais de 100 obras, dentre pinturas, esculturas, sessões literárias e musicais, com as leituras de poemas, manifesto, apresentações musicais, além de palestras. Alguns dos artistas participantes foram na pintura Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Zina Aita e Antônio Paim Vieira, na escultura Victor Brecheret, Vilão Haber e Hildegardo Veloso, na arquitetura Antônio Garcia Moya e o polonês York presentão na literatura e poesia, teve também Graça Aranha, nomes como Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho e Manuel Bandeira. (JARDIM, 2022).

Para alguns modernistas, principalmente os escritores e poetas Mario de Andrade e Oswald de Andrade, o momento do Centenário da Independência do Brasil em 1922, e, segundo Jardim (2022), era o cenário perfeito para não apenas difundir o modernismo, mas também serviu de reflexão sobre o futuro da arte brasileira e da identidade nacional.

Todavia, em 1922 não existia a ideia de um rompimento de uma renovação artística, visto que, para o autor em pauta, a maior parte da crítica foi negativa, o principal feito do festival foi começar a quebrar a resistência, criando assim, novas maneiras de lidar com a arte, colocando os artistas brasileiros em contato uns com os outros.

A partir de 1924, ano da publicação do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” por Oswald de Andrade, a inserção na modernidade assegurada pela simples adoção das linguagens modernas foi posta em questão. Em lugar do imediatismo do primeiro tempo, agora, em um segundo tempo modernista, exigia-se uma mediação. Ela consistia em dotar a produção artística feita no país de traços nacionais. Só assim seria possível comparecer no concerto das nações cultas (JARDIM, 2022, p. 8).

De acordo com o trecho, a partir de 1924, o modernismo no Brasil passou a questionar a ideia de que a simples adoração das linguagens modernas asseguraria a inserção na modernidade. Em vez disso, surgia a exigência de uma mediação, que consistia em incorporar características nacionais à produção artística do país. Essa busca pela nacionalidade era vista como necessária para que o Brasil pudesse se afirmar no contexto das nações cultas.

Manifesto da Poesia Pau-Brasil’ se situa a si mesmo como parte de um segundo tempo do movimento modernista, visto como uma fase de construção, fase que só foi possível porque antes tinha sido acertado ‘o relógio império da literatura nacional’ (Andrade, 1972, p.9). Essa última tarefa, levada a cabo pelos modernistas da primeira hora, denominados ‘geração futurista’, colocou a produção brasileira no mesmo patamar das vanguardas europeias. Agora, atualizados pelo grupo de 1922, era possível ser regional, no sentido de ser nacional, e puro, no sentido de ser autêntico, na sua época. Foi Mário de Andrade quem, mais uma vez, formulou de forma consistente essa mudança de rumos. Ele recorreu para isso a duas categorias – a de raça e a de nação. Raça tem a ver com o acomodamento da sensibilidade nacional com a realidade brasileira. A formação de uma raça depende daquilo que Mário de Andrade chamou de tradicionalização – um processo que se dá no tempo (JARDIM, 2022, p. 8).

Para Mário de Andrade “O Manifesto da Poesia Pau-Brasil” representa uma importante mudança de rumo na literatura brasileira. Se antes os escritores seguiam padrões estrangeiros, agora se buscava uma produção autêntica e regional, que refletisse a realidade brasileira. Para isso, Mário de Andrade propôs a tradicionalização da sensibilidade nacional, ou seja, a assimilação das tradições e costumes locais na produção artística. Com essa abordagem, a literatura brasileira se torna parte do movimento modernista global, mas, mantém suas raízes culturais, contribuindo para o desenvolvimento e afirmação da identidade nacional.

Mário de Andrade responde: na cultura popular. Ele entende que é nas camadas populares, menos expostas à influência estrangeira, que podem ser localizados os traços culturais genuinamente nacionais. Afirmar em seguida que é o elemento folclórico que guarda através dos tempos a essência da nacionalidade. Assim, uma cadeia se desdobra. A entrada na modernidade implica ser nacional, ser nacional remete ao elemento popular. Esse é identificado à ‘coisa folclórica’ (JARDIM, 2022, p. 8).

Desta forma, Mário de Andrade enfatizava a importância da cultura popular, das raízes e tradições do povo brasileiro, como forma de compreender a identidade nacional. Para ele, o folclore mostra que a cultura popular é capaz de revelar traços culturais que remontam a história do país e que contribuem para a formação da identidade coletiva.

Naquele momento a crítica aos “parnasianos” já tinha sido exposta por Mário de Andrade na série de artigos “Mestres do passado”, publicada em agosto de 1921 no Jornal de São Paulo. (JARDIM, 2022). Essa crítica de Mário de Andrade aos poetas parnasianos teve como objetivo mostrar que a produção desses poetas estava ultrapassada e não acompanhava as mudanças sociais e culturais da época.

Não se tratava tanto de uma crítica avaliando o sucesso ou o insucesso da produção poética de Raimundo Correia, Francisca Júlia, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Vicente de Carvalho. O que na verdade se denunciava era a inatualidade dos poetas parnasianos. Daí a saudação feita logo no primeiro artigo: 'Venho depor a minha coroa de gratidões votivas e de entusiasmo varonil sobre a tumba onde dormis o sono merecido' (JARDIM, 2022, p. 7).

O autor defendia a necessidade de uma poesia mais atual, que fosse capaz de retratar a realidade brasileira e as transformações que estavam ocorrendo. Dessa forma, ele propunha o movimento modernista, que viria a influenciar profundamente a cultura brasileira nas décadas seguintes.

Na realidade, a Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo só se tornou uma espécie de marco histórico muitos anos depois de sua realização. Na época, quem mais chamava a atenção era o escritor Graça Aranha, que era um dos palestrantes e um dos principais apoiadores do movimento. “O escritor e diplomata maranhense foi um dos destaques no Municipal com uma palestra, além de ter sido uma espécie de nome forte que avalizava a iniciativa dos jovens” (COELHO, 2012, p. 11). Porém, “Em 1924, em evento que ficou famoso, ele renunciou à sua cadeira na Academia Brasileira de Letras em prol das novas tendências estéticas que a casa se recusava a aceitar” (COELHO, 2021, p. 11). Essa renúncia acabou se tornando mais importante do que a própria Semana de Arte Moderna para alguns dos participantes.

Graça Aranha estava disposto a endossar e a participar de todo movimento de renovação de ideias, como foi o caso daquele iniciado pelo grupo dos modernistas de São Paulo. Tudo começou com a disputa entre Graça Aranha e Mário de Andrade sobre quem teve a iniciativa da virada nacionalista do movimento em 1924/1925. O ponto de vista de Mário de Andrade terminou

prevalecendo. A distância, é possível afirmar que Graça Aranha teve no modernismo o papel de um mediador. Ele pôs em contato o movimento modernista com tendências filosóficas existentes desde o final do século XIX (JARDIM, 2022, p. 12).

Desta forma, segundo o autor em pauta, Graça Aranha participou ativamente das reuniões e debates dos modernistas. Seu interesse pela renovação cultural e estética se estendia além da literatura, abrangendo outras áreas como a música, a arquitetura e as artes plásticas. Porém, sua atuação como mediador teve limitações, visto que seu próprio estilo literário não era considerado moderno pelos demais integrantes do movimento. Mesmo assim, sua influência na consolidação do modernismo no Brasil é inegável.

Nas últimas décadas do século XX, com o processo de globalização, experimentou-se uma alteração profunda na ordem mundial. A própria configuração espacial do globo se alterou. As distâncias foram encurtadas ou mesmo anuladas. Com isso, a concepção da modernização como deslocamento da parte Brasil na direção do concerto das nações perdeu força. A base em que se sustentava o modernismo vacilou. Não somos mais contemporâneos do movimento modernista. Em uma visada a distância nos damos conta de que ele foi o mais importante movimento da nossa história intelectual e de que podemos retornar a ele desimpedidos agora de um compromisso de pertencimento (JARDIM, 2022, p. 15).

Deste modo, o modernismo evidencia a busca por uma unidade territorial e cultura, com a implementação de políticas de integração regional e de desenvolvimento econômico. Para os modernistas, o espaço é visto como uma ferramenta para a modernização do país, tendo em vista a necessidade de superar o atraso econômico e social. Nessa perspectiva, segundo Coelho (2012), a modernização passa pela construção de infraestrutura, urbanização, industrialização e integração regional, visando promover melhorias na qualidade de vida da população.

Apresentadas as principais ideias a respeito do movimento modernista e sua importância para que o país tomasse novos rumos no campo da cultura e da arte, vamos apresentar alguns dos principais artistas brasileiros que integram o modernismo e suas principais pinturas em tela.

2.1 Os diferentes estilos de arte e as produções artísticas

Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Cândido Portinari revelaram-se importantes artistas do modernismo e nesse momento vamos tratar dos diferentes estilos de arte que influenciaram os trabalhos artísticos de cada um.

Anita Malfatti foi uma das artistas pioneiras da arte moderna no Brasil, e sua obra *A Boba* é um exemplo marcante desse estilo. A pintura retrata uma figura feminina com traços esquemáticos e deformados, num ambiente abstrato e colorido. O estilo exuberante e emotivo de Malfatti foi uma das principais influências para a geração de artistas modernistas brasileiros que veio depois dela.

Tarsila do Amaral, por sua vez, é conhecida por sua obra vibrante e provocativa. *Operários* é uma pintura retratando a classe trabalhadora, em uma clara crítica social. Ou seja, retrato de forma simbólica e crítica os problemas em consequência do sistema industrial na vida dos trabalhadores. Através de elementos como cores composição e representação, artista expressa a monotonia, alienação e desigualdade presentes nas relações de trabalho da época.

Cândido Portinari é outro artista importante da cena modernista brasileira, e sua obra *Café* retrata uma cena cotidiana na vida rural brasileira. A pintura é marcada pelo realismo social de Portinari, que trabalhou para descrever a vida das classes trabalhadoras e camponesas em sua obra. Com cores vívidas e traços fortes, o trabalho de Portinari é um marco da arte brasileira do século XX.

Neste período o país vivia a fase conhecida como Era Vargas, em referência ao presidente Getúlio Vargas, que governou de 1930 a 1945. Durante esse período, o Brasil estava passando por grandes transformações políticas, sociais e econômicas. Vargas implementou uma série de reformas e programas para modernizar o país e promover o desenvolvimento industrial.

A obra "Café" de Portinari retrata justamente a importância desse setor para a economia brasileira na época. O café era a principal atividade econômica do Brasil no início do século XX, e o país era o maior produtor e exportador mundial desse produto. A obra de Portinari mostra uma cena de colheita de café, com trabalhadores rurais carregando sacas de café nos ombros, simbolizando o trabalho árduo e a importância desse setor para a sustentação do país. Além disso, durante o período em que a obra foi pintada, houve uma grande valorização da cultura brasileira, e muitos artistas buscaram retratar a vida e os costumes do povo brasileiro em suas obras.

Portinari foi um dos grandes expoentes desse movimento, retratando cenas do cotidiano dos trabalhadores rurais e urbanos em suas pinturas. Portanto, a pintura "Café" de Cândido Portinari representa não apenas a importância econômica desse setor específico, mas também a valorização da cultura brasileira e o retrato da vida das pessoas comuns no período da Era Vargas.

Porém, primeiramente, de modo breve é fundamental considerar que a arte permite a expressão de ideias, pensamentos e experiências que muitas vezes não podem ser comunicadas de forma clara e direta. Dessa forma, a arte é capaz de transcender os limites da linguagem verbal e alcançar um nível mais profundo e universal de compreensão. Para Barroco e Superti no campo do conhecimento artístico,

Considera-se que a arte, por sua estrutura específica e condição de objetivo cultural, pode trazer desenvolvimento à psique humana pois, entre outros aspectos, possibilita a duplicação do real no âmbito intrapsíquico, ao oferecer ao fruidor a vivência, por meio indireto, sobretudo de emoções e sentimentos não cotidianos (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 22).

Por conseguinte, as autoras destacam que no texto, "Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano" pode observar que o autor objetiva expor "[...] aspectos teóricos-metodológicos apresentados pelo autor a respeito do objeto e método da psicologia da arte e discutir, com base na teoria histórico-cultural, as possíveis contribuições da arte para o desenvolvimento humano". (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 23). Pois, na teoria histórico-cultural, a arte é vista como um processo social e culturalmente constituído, que reflete a realidade e contribui para a sua transformação. A psicologia da arte, por sua vez, procura compreender o papel da arte na vida psicológica do indivíduo e da sociedade.

Para Vigotski (1999), a arte está em permanente relação com a realidade objetiva, compreensão que lhe permitia enxergar a potencialidade dessa elaboração humana para aqueles anos iniciais do século XX, nos quais a sociedade marchava para a construção da nova sociedade e de um novo homem [...]. (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 23).

Segundo Vigotski (1999), a arte é uma expressão da cultura e está diretamente relacionada às transformações sociais e tecnológicas de cada época. Ela não é apenas uma representação estética, mas um meio de compreender e comunicar a realidade objetiva, refletindo os valores, ideias e aspirações da sociedade em que está inserida.

Sob essa perspectiva, a arte está intrinsecamente ligada à vida, às relações sociais de determinada época, de modo que se pode entender que o material para o conteúdo e estilo artísticos são apreendidos da realidade e trabalhados a partir dela. Mesmo assim, a obra de arte não se constitui em cópia fiel da realidade objetiva, mas em algo novo, fruto de ação criativa que se transforma em produto cultural. A partir desta concepção da estreita relação da arte com a vida e tomando-o como produção elevada do trabalho humano o autor rejeita explicações místicas ou religiosas a respeito da arte, afirmando que ela não tem origem divina, celeste ou de qualquer outra ordem além da humana. Por isso, também, os efeitos dela só podem ser processados ou elaborados no próprio corpo do homem (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 23).

Seguindo esse ponto de vista, para as autoras, a arte é vista como uma manifestação da capacidade criativa e expressiva do ser humano, que busca dar forma e sentido às suas experiências e percepções. Neste sentido, a arte não é uma entidade separada ou sobrenatural, mas está enraizada na vida cotidiana e nas relações sociais.

Em síntese, para as autoras, a arte é uma forma de expressão que reflete a criatividade e a visão do artista sobre o mundo ao seu redor. Uma das principais figuras representadas nas obras de arte é o sujeito, que pode assumir diversas formas e significados. Desde retratos realistas até figuras abstratas, o sujeito na arte é um elemento importante que ajuda a transmitir a mensagem do artista ao espectador. Deste modo, vamos explorar como o sujeito é representado nas telas de pintores modernistas e o seu papel na comunicação visual de cada obra escolhida.

A primeira obra escolhida foi “A Boba” (1915/16) de Anita Malfatti pintada “nos anos em que a Primeira Guerra Mundial estava sendo ‘gestada’, o que permite supor as motivações e inspirações dos artistas de vanguarda” (BARROCO, p. 161, 2007). Malfatti retratava uma figura feminina com traços exagerados e distorcidos, criando certo desconforto visual. Essa figura pode ser interpretada como representação da alienação e desajuste social da época em que a obra foi criada, refletindo a marginalização da classe feminina na sociedade.

Figura 1 – A Boba



Fonte: Malfatti (Bing Images)

Na Figura 1 a tela representa uma mulher de cabelos escuros, cujo rosto é deformado e caricaturado, enquanto o corpo é retratado de maneira muito esquemática. O título da obra sugere que a figura retratada é simples ou tola, e é evidente a forte carga emocional que a pintora colocou no trabalho.

As observações feitas até aqui acerca dos embates enfrentados, embora digam respeito à pintora Anita Malfatti, não se restringem a ela e à sua obra. Elas informam que a 'deformação' da figura humana percorreu um longo processo, que não teve barreiras de sobrenome ou nacionalidade, biografias individuais e talentos e estilos artísticos pessoais (BARROCO, p. 164, 2007).

Um dos aspectos que chama a atenção na obra é a intensidade das cores utilizadas. Os tons, vermelho, verde, amarelo e azul são aplicados de forma muito expressiva, como se tivessem sido colocados sobre a tela com violência. O uso de tonalidades tão vibrantes e os contrastantes criam uma atmosfera dramática e intensa.

A figura feminina é retratada de forma desproporcional, com uma cabeça muito grande e um corpo muito pequeno. O rosto da personagem está disforme, com um nariz muito grande e uma boca muito pequena, enquanto os olhos são grandes e

penetrantes. O formato do rosto está distorcido como já havia dito antes, como se fosse uma máscara que a personagem está vestindo.

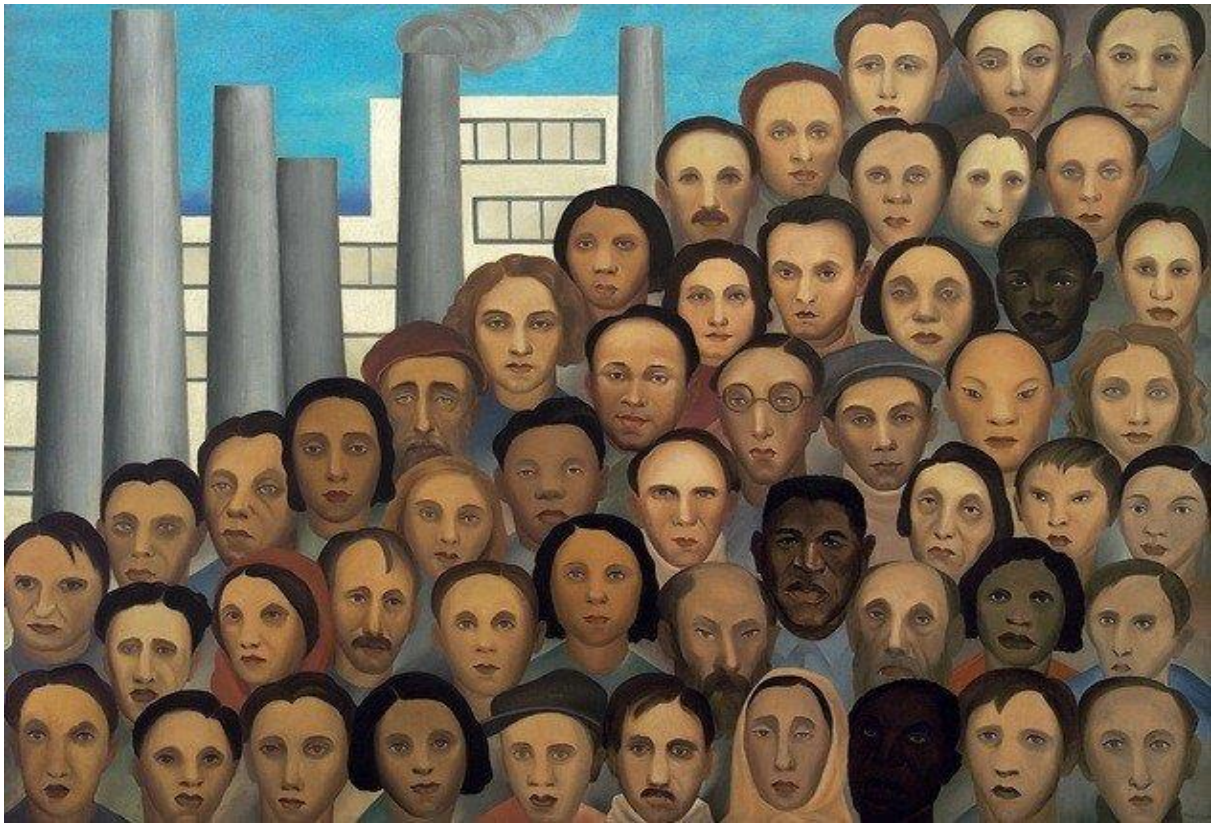
Ainda assim, a figura não é totalmente grotesca. Há certo grau de ternura na expressão da personagem, mesmo com as linhas faciais enfatizados a sua aparência “boba”. A posição dos braços também indica um ar de educação ao se sentar.

De maneira geral, *A Boba* é uma pintura que transmite uma sensação de angústia, solidão e incompreensão. A forma distorcida da figura feminina sugere que ela é uma personagem deslocada, que não se encaixa em nenhuma moldura social ou convencional. A obra é um importante exemplo do expressionismo, um movimento artístico que valoriza a expressão emocional acima de toda a beleza estética.

Ao contrário de seus contemporâneos, não aborda os temas nacionais, indígenas e afro-brasileiros, ou ainda, regionalista. Entendida ser esses um tanto limitados. Seus temas referem-se sempre à figura humana, com retratos, auto-retratos e nus (BARROCO, 2007, p. 165).

A segunda tela escolhida para análise é da artista Tarsila do Amaral, denominada, *Operários*, (1933), pintada depois de uma visita a ex-URSS, “[...] teve início uma fase de abordagem de temas sociais no Brasil. Ao contrário do *Café de Portinari*, nela a artista apresenta trabalhadores ‘sem ação’, uma posição tida como inusitada para a época” (BARROCO, p. 133, 2007). Desse modo, *Operários* é uma obra importante por ser uma das primeiras a trazer temáticas sociais para a arte brasileira, e por apresentar um olhar diferente sobre a classe trabalhadora. Ao invés de retratá-los em ação, como se fossem máquinas, Tarsila mostra-os como seres humanos que sofrem com a rotina de trabalho desgastante.

Figura 2 – Os Operários (1933)



Fonte: Amaral (bing images)

A obra retratada na Figura 2 apresenta o mundo industrializado. Pintada logo após a grande crise de 1929¹ que abalou o mundo. No Brasil, o quadro retrata a industrialização paulista da era Vargas. Um momento histórico marcado pelo processo de imigração de trabalhadores, uma classe muito explorada e vulnerável, e sem acesso aos direitos trabalhistas. (ARRUDA, PILETTI, 1997).

A tela, *Operários*, de Tarsila do Amaral está representada, num primeiro plano, por pessoas de diferentes etnias, que guardam consigo uma expressão que se assemelha entre todos, num olhar que olha para frente, mas sem um direcionamento, sem foco, um olhar perdido; com expressão de tristeza e melancolia. A razão deste comportamento pode ser justificada pelo que vemos no segundo plano, as grandes fábricas que empregam e exploram os trabalhadores.

¹ “No fim da Grande Guerra, os Estados Unidos assumiram a hegemonia econômica mundial (...). A crise de 1929 foi provocada, sobretudo, pela insistência americana em manter o mesmo ritmo de produção do período da guerra quando abastecia os contendores de gêneros, manufaturas e combustível” (ARRUDA, PILETTI, 1997, p. 286-287).

Nela predominam expressões faciais sombrias, desesperançadas; ninguém sorri abertamente. As pessoas, homens e mulheres adultos olham para frente, e, embora não tendo um olhar vazado, nem por isso demonstram sentimentos que lembrem a crença, a motivação ou uma perspectiva de vida (...). Parece-me que atrás delas está a razão que as levam a ser o que são: as chaminés e prédios das grandes indústrias (BARROCO, 2007, p. 133).

A composição usa formas simplificadas, bem como, linhas definidas para criar a sensação de um mundo moderno de fábricas e máquinas barulhentas, recriando o poder das sombras na história do trabalho. Dois dos trabalhadores que estão na frente da imagem para adicionar a dimensão humana, além de remeter à presença da mulher dentro do contexto de trabalho.

As cores utilizadas por Tarsila em *Operários* são representativas e vibrantes, onde o vermelho, o preto e o branco dominam. Esses tons criam uma sensação de tensão, crueldade e dureza, reforçando a impressão de que a vida do operário era difícil. O vermelho é considerado especialmente representativo da luta dos trabalhadores por dias melhores.

Além disso, a obra também é relevante por retratar um tema que está presente até hoje na sociedade brasileira: a exploração dos trabalhadores. Infelizmente, essa realidade ainda é muito presente em nosso país, o que torna a pintura de Tarsila ainda mais atual e necessária.

Por fim, a terceira obra escolhida foi a tela, *Café*, pintada por Cândido Portinari em 1935. A tela retrata uma cena comum no cotidiano dos trabalhadores das lavouras brasileiras. Ela representa as conquistas das lutas trabalhistas e a resistência dos trabalhadores rurais brasileiros.

Figura 4 – Café



Fonte: Portinari (Bing Images).

Na figura 3, *Café*, de Portinari, ao contrário de Tarsila que apresenta trabalhadores “sem ação”, nesta o pintor mostra os trabalhadores em ação, uma composição inusitada para a época. Cândido Portinari utiliza tons predominantemente terrosos e marrons para retratar a terra e a poeira que fazem parte do cotidiano dos trabalhadores. A imagem do café, elemento central da cena, é representada através de sobras e nuance, o que realça a textura do mesmo.

As expressões em seus rostos são marcantes e parecem comunicar a sensação de cansaço que é inerente à rotina de trabalho na lavoura. Há também uma sensação de coletividade e união entre eles, reforçando a ideia de que a luta pela sobrevivência é conjunta.

Além da expressão realista, Cândido Portinari incorporou elementos de arte moderna à sua pintura. A sobreposição de camadas, a sintetização e a geometrização dos elementos são alguns das características presentes na obra, que dialogam com os princípios do movimento modernista.

Portinari na obra em questão retrata trabalhadores no campo colhendo café. O sujeito está representado de forma realista e expressivo, destacando a dureza da

rotina de atividades no campo. A obra pode ser interpretada como uma crítica à exploração dos trabalhadores rurais pelos proprietários de terras, evidenciando a desumanização desses indivíduos em um sistema capitalista.

Foi possível observar as modificações que ocorrem com a representação da figura humana, chegando a ponto de estarem tão esquematizados, tão abstraídas de conteúdo, de enredo, de perspectivas de vida, com uma forma de comunicar tudo de modo tão abstrato que talvez nem sempre se tenha alcançado a comunicação. Independentemente do fato de apreciá-las, entendo que tais representações comunicam o homem em seu desenvolvimento: o direcionamento da atenção e da percepção, o estabelecimento de mecanismos e formas de expressão e de representação, a elaboração e a valoração de códigos sociais de conduta etc. Por outro lado, elas revelam, também, que o alcance desse estágio deu-se paralelamente à deposição de certo modo de existir (BARROCO, 2007, p. 180).

A representação da figura humana, ao longo do tempo, deixou de ser um retrato fiel e realista da sociedade e da cultura em que estava inserida, para se tornar uma forma de expressão da arte e da subjetividade do artista. A abstração das formas, a simplificação das linhas e a negação da perspectiva, foram maneiras encontradas pelos artistas para expressar o que parecia importante, sem se prenderem às limitações do realismo.

Essas transformações na representação do ser humano também estão ligadas à mudança do próprio conceito de identidade e individualidade. À medida que o homem foi se distanciando das formas tradicionais de organização social, como as tribais ou religiosas, ele se tornou mais individual, mais autônomo, mais dono de si mesmo, com valores, crenças e ideias próprias. E essa mudança se refletiu na arte.

Porém, a despeito dessa liberdade de expressão, a abstração excessiva pode limitar a comunicação, dificultando a compreensão e a identificação com a obra. A arte, muitas vezes, precisa de um mínimo de referências e contextualização para ser compreendida e apreciada. Ou seja, a representação da figura humana na arte é um reflexo das mudanças sociais, culturais e pessoais a que o homem está sujeito. A libertação de padrões e a busca pela originalidade são necessárias, mas não podem comprometer a comunicação e compreensão do público.

Essa nova maneira de representação, que prescinde de tantos elementos (dados do ambiente, dos rostos e corpos, das roupas e adereços, de móveis e objetos) parece não ter favorecido o homem a compreender sua própria história, sua constituição enquanto humano. Tomar a pintura moderna sem outras mediações favorece, sim, o entendimento de que os indivíduos parecem ser o que são a partir de si mesmos. (BARROCO, 2007, p. 181).

No entanto, essa perspectiva pode ser limitada e superficial, uma vez que ignora o contexto histórico e social em que os indivíduos estão inseridos. Ao retratar apenas formas e cores abstratas, a pintura moderna pode deixar de lado questões importantes como raça, gênero, classe social e outras formas de opressão que afetam a vida das pessoas. Além disso, ao focar exclusivamente na subjetividade individual, ela pode contribuir para uma visão atomizada da sociedade, e, que as relações sociais e políticas são negligenciadas.

Desta forma, embora a simplificação formal da pintura moderna possa ser vista como uma tentativa de liberar o homem das amarras do realismo tradicional, ela não deve ser utilizada como uma ferramenta para escapar das complexidades da vida social e histórica. Pelo contrário, é importante abraçar a arte em sua diversidade e complexidade, com todas as suas contradições e possibilidades de representação.

Em síntese, as obras escolhidas trazem retratos de pessoas que representam diferentes realidades sociais e revelam críticas a temáticas como alienação, exploração e desumanização. As pinturas evidenciam a busca pelo processo de humanização e compreensão da diversidade humana.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma esta monografia tem como objetivo compreender a representação dos sujeitos estampados nas telas dos pintores do movimento modernista. Com isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que utilizou como referência as obras de estudiosos do tema, como Sônia Mari Shima Barroco (2007), Fred Coelho (2012) e Eduardo Jardim (2022). A partir dessas referências obtivemos os conteúdos necessários para a laboração e conclusão deste estudo.

É perceptível que os artistas do movimento modernista buscavam não apenas explorar o potencial estético da pintura em tela, mas também a capacidade da arte de transmitir ideias e valores culturais. Ao representar esses sujeitos, os pintores contribuíram para a renovação das artes no país e para a construção de uma identidade cultural mais autêntica e diversa.

Os artistas do movimento modernista brasileiro contribuíram significativamente para a formação cultural do país, e sua arte representa uma ruptura com os padrões estéticos e literários do passado. Suas pinturas em tela apresentam sujeitos humanos e desumanizados, que refletem questões sociais, políticas e culturais da época. Essas obras de arte não apenas provocam reflexões e debates importantes, mas também influenciam a arte contemporânea e inspiram novas gerações de artistas.

Conclui-se, então, que nas obras de arte dos pintores brasileiros do movimento modernista, os sujeitos representados nas telas são diversos e complexos. Retratam a vida cotidiana, a cultura popular, a classe trabalhadora, a mulher e o negro, temas que até então eram pouco explorados pelas artes da época. Os artistas buscaram apresentar esses sujeitos, trazendo à tona suas lutas, suas dores e suas belezas, em uma representação que quebrava com a estética clássica até então vigente.

Através da arte, os pintores modernistas transformaram a realidade, abrindo portas para novas visões estéticas e sociais, contribuindo para a formação de uma identidade cultural brasileira mais diversa e autêntica. E assim, o estudo dos sujeitos representados nas pinturas em tela do modernismo brasileiro é fundamental para a compreensão da história da arte no país e para a percepção de sua importância na construção da nossa cultura e da nossa sociedade atual.

A relação entre arte e pedagogia pode ser entendida como a maneira como a arte, em suas diversas manifestações, pode ser utilizada como ferramenta educativa e formativa. No contexto histórico do Brasil em 1922, durante a Semana de Arte

Moderna, essa relação ganhou destaque e influenciou profundamente a forma como a arte e a educação eram concebidas.

A Semana de Arte Moderna de 1922 marcou um momento de transformação cultural e artística no Brasil. Artistas e intelectuais se reuniram em São Paulo para questionar os padrões artísticos tradicionais e propor uma nova forma de expressão. O movimento modernista brasileiro, iniciado nessa época, tinha como objetivo romper com modelos estabelecidos e buscar uma linguagem artística livre de amarras.

Nesse contexto, a relação entre arte e pedagogia se fortaleceu. A proposta modernista era fazer com que a arte fosse mais próxima da vida cotidiana das pessoas, tornando-a mais acessível e compreensível. Nesse sentido, a arte passou a ser vista como uma forma de educação, capaz de provocar reflexões e abrir caminhos para novas perspectivas.

O educador e artista Mário de Andrade, um dos principais nomes do modernismo brasileiro, destacou a importância da relação entre arte e pedagogia em sua obra "Aspectos da literatura brasileira" (ANDRADE, 2000, p. 207). Ele afirmava que a arte era uma extensão da educação, e que a educação estética deveria ser um elemento fundamental na formação dos indivíduos.

Além de Mário de Andrade, outros artistas e intelectuais importantes da época também se dedicaram a pensar a relação entre arte e pedagogia. Anita Malfatti, por exemplo, em suas aulas de pintura, propunha que seus alunos experimentassem diferentes técnicas e explorassem sua própria criatividade. Já Oswald de Andrade, em seu Manifesto Antropofágico, propunha a absorção das influências estrangeiras pela arte brasileira, de forma a criar uma identidade única.

A leitura crítica do passado e presente da sociedade brasileira também é uma temática recorrente nessa discussão. Através da arte, é possível refletir sobre as problemáticas sociais, políticas e culturais do Brasil, tanto no passado como no presente.

Desta forma, a relação entre arte e pedagogia está intrinsecamente ligada à capacidade da arte de despertar no indivíduo uma reflexão crítica sobre a sociedade em que está inserido. No contexto histórico do Brasil em 1922, a Semana de Arte Moderna marcou uma ruptura com os padrões estéticos e conceituais até então vigentes, trazendo à tona uma leitura crítica do passado e presente da sociedade brasileira. Segundo Deni Ruggeri (2017), a Semana de Arte Moderna representou

uma tentativa de libertação das amarras culturais impostas pelo conservadorismo dominante, questionando as estruturas sociais estabelecidas.

Entre as manifestações artísticas que buscavam politizar temas relacionados à alienação, exploração e desumanização, destacavam-se os retratos de pessoas que representavam diferentes realidades sociais. Neste sentido, Mário de Andrade, durante a Semana de Arte Moderna, ilustra essa politização dos temas: "A arte deve se revelar como transformadora e fazer refletir a realidade. É preciso mostrar a verdade do país, com suas mazelas, desigualdades e lutas" (ANDRADE, 1927, p. 58). As pinturas dos artistas da Semana de Arte Moderna, como Cândido Portinari e Anita Malfatti, evidenciavam a busca pelo processo de humanização e compreensão da diversidade humana, conforme Tadeu Chiarelli (2005). Por meio da representação de diferentes classes sociais, essas obras revelavam críticas a temáticas como a exploração dos trabalhadores e a desigualdade social.

Portanto, a relação entre arte e pedagogia é fundamental para a compreensão da forma como a arte pode educar e transformar a sociedade. Ela se evidencia especialmente no contexto histórico do Brasil em 1922, durante a Semana de Arte Moderna, com a valorização da liberdade de expressão e da busca por uma linguagem artística acessível e formativa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. 40ª ed. São Paulo: Martins, [s.d.], 1927.

ANDRADE, Mário de. **"Aspectos da literatura brasileira"**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.

ANDRADE, Mário. "O Movimento Modernista". In: ANDRADE, Mário de. **"Aspectos da Literatura Brasileira"**. São Paulo: Martins, 1963.

AMARAL, Tarsila. **Operários**. Disponível em: https://www.google.com/search?q=operarios+tarsila&tbm=isch&ved=2ahUKEwj2s4Cj5vz_AhWlr5UCHVidCSQQ2-cCegQIABAA&oq=operarios+tarsila&gs_lcp=CgNpbWcQAzIFCAAQgAQyBQgAEIAEMgUIABCABDIGCAAQBRAeMgYIABAFEB4yBggAEAUQHjIGCAAQBRAeMgYIABAFEB46BggAEAgQHjoHCAAQGBCABDoHCAAQigUQQzoICAAQsQMgE6BAgAEM6CAgAEIAEELEDOgsIABCABBCxAXCDAVDEBVjsMWD-M2gAcAB4A4ABjwKlAd8ukgEGMC4zNi4ymAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWewAQDAAQE&sclient=img&ei=lyCoZLaWCIf1sQP2LqmoAl#imgsrc=y0bdRCs989rP5M. Acesso em: 28 jun. 2023.

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História: história geral e história do Brasil**. 7 ed, São Paulo: Ática, 1997.

BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiane. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 22-31, 2014.

BARROCO, Sonia Mari Shima. **Psicologia educacional e Arte: uma leitura histórico cultural da figura humana**. Maringá: Eduem, 2007.

COELHO, Fred. **A Semana dos Sem Anos: a semana de arte moderna**. ARS – N41 – ANO 19, p. 35. 2012.

CHIARELLI, T. Diversidade na arte – uma definição em aberto. In: L. Dantas (Org.). **Educação e diversidade cultural: diálogos possíveis**. São Paulo: Summus, 2005, p. 73-89.

JARDIM, Eduardo. Apontamentos sobre o modernismo. 100 Anos da Semana de Arte Moderna de 1922. **Estudos Avançados**, v. 36, n. 104, p. 15, 2022. Disponível em: <SciELO - Brasil - Apontamentos sobre o modernismo Apontamentos sobre o modernismo. Acesso em: 23 maio 2023.

MALFATTI, Anita. **A Boba**. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=a+boba+anita+malfatti&oq=a+boba+&aqs=chrome.1.69i57j0i512j46i512j0i512l7.4204j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 28 jun. 2023.

PORTINARI. Candido. **O Café.** Disponível em:
https://www.google.com/search?q=o+cafe+portinari&tbm=isch&ved=2ahUKEwjIhtbu5vz_AhVVuZUCHYI8CD4Q2-cCegQIABAA&oq=o+cafe+portinari&gs_lcp=CgNpbWcQAzIHCAAQGBCABDoHCAAQigUQQzoFCAAQgAQ6BggAEAcQHjoGCAAQBRAeOggIABCABBCxAzoECAAQAz oGCAAQCBAeULYFWOQoYKEvaABwAHgDgAG9AogB7B6SAQgwLjlzLjEuMZgBA KABAaoBC2d3cy13aXotaW1nsAEAwAEB&sclient=img&ei=wSCoZliiMtXy1sQPifmh8AM#imgsrc=DZBWN3fim9-2mM. Acesso em: 28 jun. 2023.

RUGGERI, D. A Semana de Arte Moderna de 1922 e a construção de uma nova identidade para a arte brasileira. **Revista Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 26, n. 75, p. 1-17, 2017.